

A photo opportunity de Roseana Sarney

José Negreiros*

A governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), segundo colocada nas pesquisas para presidente da República, almoçou ontem com dois outros pretendentes: Tasso Jereissati (-PSDB), governador do Ceará, e Jarbas Vasconcellos (-PMDB), governador de Pernambuco. Segundo o repórter Raimundo Costa, da Folha de São Paulo, a pauta do encontro foi o isolamento do tucano José Serra, ministro da Saúde. Segundo consta, apesar de seu poder junto ao partido e ao presidente Fernando Henrique, Serra desperta antipatia em alguns setores da aliança governista.

Nos últimos tempos, Tasso tem aparecido na mídia como suposto catalizador de um enfrentamento com

Serra, que agora agregaria Roseana e Jarbas.

É difícil imaginar que esse almoço signifique algo mais do que uma competente tentativa de manter Roseana nas páginas dos jornais. O momento é de falta de notícias políticas, uma vez que a imprensa está dominada pela guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo. A governadora do Maranhão tem sido muito bem sucedida em sua campanha pela TV graças à produção de Nizan Gauanaes e ao timing do lançamento das mensagens publicitárias. Elas não parecem anúncio político. Simplesmente deslizam na programação do



José Negreiros

horário nobre das emissoras. Além disso, Roseana é fotogênica e simboliza uma idéia muito forte e diferente - a mulher no comando, algo que o Brasil parece que está precisando. E ela foi ar no momento em que Itamar Franco estava às turras como o PMDB e Ga-

rotinho apanhava todos os dias do sistema Globo (TV, jornal e rádio).

No entanto, conforme ava-

liação de competente estrategista político que já trabalhou para o PFL, quem tem o poder da caneta é Serra, como poderoso ministro e amigo íntimo de FHC. Só que quem não quer ver ainda duvida de que ele seja o candidato do presidente. Apesar dessa constatação óbvia, tudo que vier da base governista será muito recebido pelo Palácio do Planalto. Até almoço anti-Serra, pois é conhecida a pressão da área econômica para impedir a ocorrência de uma explosão de Lula, do PT. Esse jogo tem dado certo até agora, pois apesar dos graves problemas econômicos externos que su-

focam a conjuntura econômica, Lula nada capitalizou a seu favor. Permanece nos seus históricos 30%.

É possível que isso aconteça por uma conjunção de fatores que funcionam a favor e contra o PT, simultaneamente. O principal deles é a impressão de 30% do comando petista ainda reflete uma base que prega o socialismo nos moldes praticados na Rússia até a derrubada do muro de Berlim. Diante disso, o mercado, fica inseguro. Se quando os operadores são gente com credibilidade junto aos bancos, como a equipe econômica liderada pelo ministro Pedro Malan, a situação do país é tão vulnerável, imagine se o piloto é do PT, imagina-se em Wall Street e na avenida Paulista.

No entanto, o PT só chegou aos 30% por causa da alternativa diferente

que significa para o eleitor, pois um terço do eleitorado está cansado da política atual, com desemprego, alta vulnerabilidade externa e dívida pública gigante. Se mudar, Lula perde mais do que ganha.

A verdade, então, é que entre 20 e 25% do eleitorado ainda estão à espera de um nome. Serra tem uma cara muito dura, Tasso é desconhecido, o PT briga muito e Itamar... bem, Itamar é Itamar. É por isso que Roseana cresceu e tornou-se um trunfo muito maior do que o PFL esperava. Poucos imaginam, contudo, que ela desista de uma eleição certa para o Se-

nado, do qual poderá ser presidente, preparando-se para a disputa de 2006. Trata-se de posição muito confortável.

Outro que está muito à vontade no tabuleiro é o presidente Fernando Henrique. A guerra desviou a atenção do eleitor para um problema muito maior - a guerra. Com isso FHC ganhou a melhor explicação para a crise: o bom e velho fator externo. Logo, o presidente tem duas alternativas: ou seu candidato, Serra, afina-se com a política econômica em vigor, num esforço para chegar ao segundo turno cavalcando os 20/25% que o governo terá automaticamente, ou FHC não participa da campanha de alguém que pode criticar o go-

verno na sua frente.

No segundo turno, bastaria o presidente apoiar Lula com entusiasmo.

Serra tem uma cara muito dura, Tasso é desconhecido, o PT briga muito e Itamar... bem, Itamar é Itamar

O gesto não lhe custaria nada. Ao contrário, daria a FHC o fecho que ele sempre sonhou: participar da eleição de um candidato autenticamente de esquerda com um peso fundamental. Talvez este final seja o mais acalentado pelo presidente, que assiste ao início do que Tancredo Neves chamava "luta de foice no escuro" para a escolha do candidato da aliança.

*Editor do site Brasil em Tempo Real

(www.emtemporeal.com.br), escreve todas as quartas-feiras neste espaço. Email: (negreiros@emtemporeal.com.br)